

JOÃO BOSCO RABELLO

# ACM prepara volta por cima

ESTADO DE SÃO PAULO

A proximidade de uma solução para o caso do Banco Econômico e a reprodução do confronto entre aliados políticos do Planalto com a área econômica, agora por conta da intervenção no Banespa, acusaram aos sensores do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), que é hora de emergir do mergulho estratégico decidido após o choque frontal com o presidente Fernando Henrique Cardoso. O disparo que marcaria o retorno do senador à tribuna do Senado, esta semana, atingiria em cheio o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, recém-enfartado, e foi adiado em consideração ao seu estado de saúde.

Seria, na versão de ACM, um ataque em legítima defesa de sua gestão à frente do Ministério das Comunicações, criticada por Motta. Mas abriria caminho para uma sinalização ao Planalto de que a trégua cumpriu seu objetivo de transformar em "cerimoniosa" a relação pessoal entre o senador e o presidente Fernando Henrique, que o episódio Econômico elevava ao grau da hostilidade. Esse tom cerimonioso representa esforço de conciliação inédito na vida de ACM e é o limite para o resgate da convivência política com o presidente.

A boa relação pessoal de antes, entre o senador e o presidente, que sobreviveu até às críticas da primeira-dama, é irrecuperável. Ambos serão aliados pontuais na causa das reformas, porque a política opera interesses, mas são reféns definitivos da desconfiança mútua. Nesse contexto, o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), vale muito a Fernando Henrique, agora também pelo poder moderador que exerce junto ao pai. Ele é o freio ao ímpeto de ACM de explorar o comportamento dúbio do presidente, o que é tido como estratégia pendular, pela qual Fernando Henrique faz aflorar os conflitos em seu governo através do estímulo simultâneo às divergências entre aliados.

Impossível para Antônio Carlos disfarçar o sentimento de resgate pessoal quando assiste ao confronto entre o governador Mário Covas e o Banco Central, refletido pelo noticiário dos jornais sobre a

intervenção no Banespa. ACM vê o governador Mário Covas no mesmo papel que protagonizou no episódio do Econômico, às voltas com sucessivas e antagônicas versões produzidas pela área técnica, ao seu ver com o propósito de confundir deslealmente os interlocutores políticos. Não pretende expor-se com comentários formais sobre o assunto, até porque julga que o desfecho para o Econômico está resultando de convencimento do próprio BC de que não há outro caminho: a solução em curso, para ACM, salva não só o Econômico, mas o sistema financeiro.

ACM cumpriu profissionalmente o ritual do mergulho, recurso do político quando reconhece o desgaste da exposição excessiva. Venceu uma fase torturante para um político de natureza agressiva, moldado no processo executivo,

acostumado a mandar e ser obedecido. Mas a discrição compulsória decorrente da natureza do processo legislativo, e do revés inicial no confronto com o governo federal, não deve ser interpretada como resignação: ACM nunca esteve tão atento ao que se passa na República e no Congresso e recolhe munção para batalhas que seu faro político detecta próximas.

A interlocutores próximos, ACM tem manifestado a convicção de que Fernando Henrique ainda terá

aborrecimentos sérios pela indiferença com que tratou as denúncias de corrupção ou de comportamento duvidoso de funcionários de primeiro escalão que levou ao seu conhecimento. Acha que FH ainda é complacente com situações que já são do conhecimento do governo, mas não age para corrigi-las.

De ACM não é possível obter, ainda, declarações formais. Mas não é difícil extrair um sentimento de mágoa em relação a Fernando Henrique, pela condução que o governo deu ao processo do Banco Econômico. Por mais boa vontade que busque nas suas reservas de político profissional, não consegue perdoar a estratégia do presidente de estimular uma solução política para o caso do Econômico, ao mesmo tempo em que determinava à área econômica rigor técnico na condução do problema.



■ João Bosco Rabello dirige a sucursal de Brasília

**A trégua cumpriu o objetivo de transformar em cerimoniosa a relação entre o senador e FH**